

FORMAÇÃO POLÍTICA E TÉCNICA: A EXPERIÊNCIA DO INSTITUTO DE AGROECOLOGIA LATINO-AMERICANO (IALA) AMAZÔNICO¹

Nicolle Marra Ivanoski²

RESUMO

Desde sua colonização até os nossos dias, a realidade da América Latina é marcada pela exploração dos povos nativos e expropriação dos recursos naturais e minerais, apesar disso, os trabalhadores rurais do campo têm procurado articular novos caminhos e alternativas que contribuam para o desenvolvimento e independência territorial, econômica, política e ideológica da América Latina. Nesses caminhos, podemos destacar a expressividade da Via Campesina no território Pan Amazônico como sujeito social fundamental para consolidação das formas de resistência em perspectiva internacional. Uma delas refere-se à construção do Instituto de Agroecologia Latino-americano (IALA) Amazônico. Com o objetivo de potencializar os espaços de formação aos sujeitos inseridos no campo, o IALA Amazônico busca articular universidade, pesquisadores, movimentos sociais e camponeses para efetivar processos de formação política e técnica com base nos princípios da agroecologia.

Palavras-chave: Via Campesina. IALA Amazônico. Processos de formação.

INTRODUÇÃO

O movimento internacional de camponeses denominado Via Campesina³ é um sujeito social de grande expressão internacional

1 Este texto está baseado em parte dos estudos e dados obtidos para elaboração da dissertação de Mestrado, apresentada no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. O título da dissertação é: Movimento Social, Escola e Formação: Um olhar a partir do IALA Amazônico.

2 Professora do Instituto Federal do Paraná – Campus Telêmaco Borba. Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras.

3 Na página da Via Campesina Internacional na internet, há uma autodefinição que é importante ser referida: “La Via Campesina es el movimiento internacional que agrupa a millones de campesinos y campesinas, pequeños y medianos productores, pueblos sin tierra, indígenas, migrantes y trabajadores agrícolas de todo el mundo. Defiende la agricultura sostenible a pequeña escala como un modo de promover la justicia social y la dignidad. Se opone firmemente a los agronegocios y las multinacionales que están destruyendo los

de luta, à medida que organiza inúmeras articulações globais e evidencia novas estruturas de ação coletiva para reconfiguração do desenvolvimento no campo. Sua relevância mundial conduz à diversidade cultural das comunidades locais aos grandes centros internacionais e sua amplitude geográfica de natureza articuladora coloca a prova o modelo de agricultura atual.

Historicamente o campesinato latino americano vive e sobrevive num ambiente social hostil e conflituoso onde a principal característica é a tentativa constante de introdução da lógica capitalista no campo, de apropriação das terras, dos recursos naturais e dos territórios camponeses. Não há paz porque em todo tempo o campesinato tem que reinventar formas e maneiras de resistir e com isso as lutas camponesas passam a fazer parte do cotidiano camponês.

Nesse sentido, é numa perspectiva inovadora e integracionista que a Via Campesina promove ações práticas de cooperação internacional ao articular os trabalhadores do campo em contraposição ao modelo dominante de agricultura, afirmando assim a cultura, os valores e os modos de vida do campesinato. Além disso, há outra particularidade também defendida pela Via Campesina: a Agroecologia⁴, uma experiência concreta de sustentabilidade que propõe a percepção e a necessidade de resistir ao *caminho imposto*, considerando este, prejudicial aos trabalhadores rurais. Nesse sentido a Via Campesina denota seu caráter contra-hegemônico, tanto ao estabelecer um novo rumo às concepções de campo e de agricultura quanto à necessidade de transformação do *status quo*.

Um movimento internacional que abrange uma diversidade de sujeitos, manifestando-se desde o mais amplo cenário até pequenas comunidades locais, resistindo e confrontando os diversos problemas sociais por meio de um vínculo social e cultural com a terra, ecoando um som que muito incomoda àqueles que preconizam a globalização de um modelo de agricultura neoliberal.

pueblos y la naturaleza. La Vía Campesina comprende en torno a 164 organizaciones locales y nacionales en 73 países de África, Asia, Europa y América. En total, representa a alrededor de 200 millones de campesinos y campesinas. Es un movimiento autónomo, pluralista y multicultural, sin ninguna afiliación política, económica o de cualquier otro tipo". Disponível em: <http://viacampesina.org/es/index.php/organizaciainmenu-44/iquisomos-mainmenu-45>. Acessado em 30/07/2015.

4 A Agroecologia emerge como uma disciplina que disponibiliza os princípios ecológicos básicos sobre como estudar, projetar e manejar agroecossistemas que sejam produtivos e, ao mesmo tempo, conservem os recursos naturais, assim como sejam culturalmente adaptados e social e economicamente viáveis. (ALTIERI, 2012, p.105).

No modelo neoliberal a ideia preeminente é de que a terra deve ser destinada as grandes empresas capitalistas, consideradas hegemonicamente como mais produtivas e eficazes. Percebe-se então que os interesses capitalistas no campo têm como consequência fundamental a exclusão.

O latifúndio exclui pela improdutividade e especulação imobiliária privando os camponeses de acesso a terra. O agronegócio exclui pela produção em larga escala e intensa territorialização, impossibilitando o camponês de acesso a terra. (GIRALDI e FERNANDES, p.340, 2009)

Essa é a essência do modelo neoliberal e com ela as desigualdades sociais e econômicas são cada vez maiores. No entanto, quando observado o modo como a Via Campesina se posiciona em relação a essas circunstâncias, percebemos que, embora tudo pareça colaborar com a expansão dos interesses capitalistas no campo, novos sujeitos e novas ações coletivas surgem, a cada dia, com a proposta de construir a unidade e a solidariedade entre a diversidade de povos que a constituem.

Os movimentos sociais de luta pela terra, por educação e por direitos sociais estão presentes em toda America Latina com o propósito de resistir e defender a consolidação de um outro projeto societário. Sob tais pressupostos que a experiência dos IALAs – Institutos de Agroecologia Latino Americanos- se constitui, como campos empíricos que ligados aos movimentos sociais convergem ações colaborativas, preconizando um projeto claro de sociedade ao consolidar práticas educativas de resistência num contexto social de caráter internacional.

ESCOLAS E INSTITUTOS DE FORMAÇÃO EM AGROECOLOGIA LATINO AMERICANO - IALAs

Os IALAs se inserem numa perspectiva desenhada pela Via Campesina em construir uma rede de Escolas e Institutos Latino Americanos de Agroecologia, propondo realizar processos de formação/educação política e técnica aos sujeitos inseridos no campo. Conforme consta na entrevista com o militante Charles Trocate, presente na obra *Práticas Educativas da Via Campesina* (2014):

Os IALAs surgem como escola de camponeses e camponesas, numa perspectiva de construção permanente, ele não é uma expressão local, nasce como uma expressão totalizante para debater a agricultura, mas debater a organização das comunidades e debater o uso dos ecossistemas e das biodiversidades em função da necessidade do movimento camponês se reelaborar de maneira permanente. (IVANOSKI, 2014, p.77).

A ideia é potencializar os espaços de formação junto aos movimentos que compõem a *Via Campesina*, criando assim, uma rede de universidades populares com o papel de formar pessoas capacitadas a coordenar processos sociais que apontem para transformação social. Essa proposta é intensificada significativamente em 2005, quando governos e movimentos sociais do campo (Governo da Venezuela, Governo do Estado do Paraná – Brasil, a *Via Campesina* e Universidades brasileiras) firmam um protocolo de intenções e compromissos para o desenvolvimento de diversas atividades conjuntas, de cooperação técnica dos povos, chamado “Acordo de Tapes”.

Como parte dessas iniciativas, está à criação dos IALAs- uma rede de escolas e institutos que atuam na área da educação superior, permitindo aos camponeses acesso a esse grau de ensino. Considerando que, de maneira geral, esses camponeses são excluídos desse nível educacional, o objetivo desse acordo é tornar equivalente a realidade de cada país Latino Americano e lutar contra a pobreza, a desigualdade social e a toda forma de exclusão social.

No âmbito das discussões foram fundadas quatro redes de escolas, conhecidas como institutos, de Agroecologia, são elas: Escola Latino Americana de Agroecologia - ELAA; Instituto Universitário de Agroecologia Latino Americano - IALA Paulo Freire; Instituto de Agroecologia Latino Americano- IALA Guarani e; Instituto de Agroecologia Latino Americano - IALA Amazônico.

É importante compreender que todo esse processo de criação e consolidação dos IALAs é resultado de uma soma de esforços coletivos que tem por finalidade construir uma escola de camponeses para camponeses, promovendo a capacitação e o avanço na formação das comunidades camponesas. Nesse sentido, os IALAs surgem como uma ferramenta de resistência aos impactos nocivos

da expansão capitalista, que num processo ideológico perverso tenta homogeneizar e controlar todos os processos sociais, econômicos e políticos.

Tal percepção é de suma relevância a comunidade acadêmica e merece demasiada atenção dos pesquisadores da educação, pois a escola e seus meios educativos formais são constantemente criticados, principalmente pelo conservadorismo e distanciamento da vida prática dos seus sujeitos.

Em nossa sociedade nos deparamos com muitos paradoxos, sem dúvida, um deles corresponde à escola, uma instituição social pública que, prioritariamente, atende à classe trabalhadora, mas de maneira alguma está a serviço dela, já que, num cenário reprodutivista e globalizado, o modelo educacional respalda seus processos formativos com base numa sociedade ditada pela lógica capitalista, isto é, à sombra dos encaminhamentos ideológicos neoliberais.

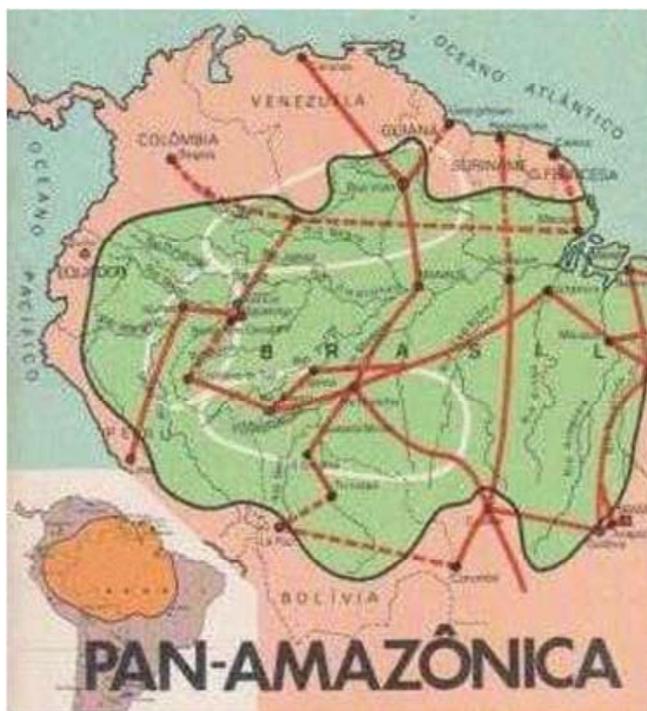
É através de críticas reflexões sobre tal panorama que os processos educativos/formativos dos IALAs são pensados, enfrentando os desafios impostos por uma sociedade contraditória, a escola dos trabalhadores do campo está em permanente construção ao estabelecer que educar não é moldar ou adaptar os sujeitos a uma determinada realidade, nem tampouco se limita à mera transmissão de conteúdos. Educar é um processo contínuo, que contempla as múltiplas necessidades dos sujeitos, que estimula o senso crítico e que por fim, promove a emancipação humana com fins à transformação social.

Com base nessa concepção tem-se a experiência do IALA Amazônico que através do vínculo com experiências concretas se consolida, numa perspectiva internacional, tanto como espaço de formação humana quanto de escolarização dos camponeses na Pan Amazônia.

A ESPECIFICIDADE DO IALA AMAZÔNICO: UMA ESCOLA EM CONSTRUÇÃO PERMANENTE.

Como os demais Institutos, o IALA Amazônico, busca articular universidades, pesquisadores, movimentos sociais e camponeses para realizar processos de formação, escolarização e trocas de experiências agrícolas com ênfase nos princípios da agroecologia.

A experiência do IALA Amazônico emerge de discussões acerca da construção de um Instituto de Agroecologia que alcançasse o bioma Amazônico e, por sua vez, os nove países que compõem a região Pan Amazônica (Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, República da Guiana, Suriname e Guiana Francesa).



Fonte: MATTOS, 1980.

Desse modo, primando pelo diálogo com a diversidade e, fundamentalmente tendo a realidade como locus de investigação para transformação, o IALA Amazônico surge com o intuito de produzir novos conhecimentos por meio de um processo de reformulação curricular e metodológica.

Entretanto, antes de expor sobre os processos formativos lá desenvolvidos, é necessário salientar que esse IALA possui especificidades que o diferencia dos demais. Uma delas envolve o alcance de sua localização geográfica. Esses nove países, além da

semelhança geográfica em relação ao bioma florestal amazônico, partilham um território de conflitos que, sob um modelo de desenvolvimento econômico não leva em consideração as populações tradicionais, suas identidades e sua maneira de produzir. Como consequência, os povos são expropriados de suas terras, privados de se reproduzir de acordo com sua cultura e seus costumes, tudo em prol da exploração desenfreada dos recursos naturais, encontrados em grande quantidade no território Amazônico. Sendo assim, desde idealização do IALA Amazônico existe o entendimento do quão é necessário relacionar-se com aqueles países que, da mesma maneira estão em contradição com o capital e são espoliados pelo avanço metabólico deste sistema.

Outra característica extremamente interessante e específica, refere-se às circunstâncias de sua construção, ou seja, ao que concerne o espaço físico. Esse Instituto é resultado de dez anos de articulação dos movimentos integrantes da Via Campesina na Amazônia e, para concretizar a proposta de ser uma Universidade Campesina teve que se posicionar e defender a ideia de que o que era realmente necessário para avançar na materialização da concepção do IALA Amazônico, não era a construção de uma estrutura pronta e acabada, mas sim a vivência, a experiência e, sobretudo, o trabalho coletivo.

O IALA Amazônico não é uma estrutura física [...] não é isso que levamos em conta, como disse, levamos em conta que aqui é um campo político, filosófico e prático em que o IALA pode se vincular as mais diferentes experiências de agroecologia, numa perspectiva Amazônica, dessa maneira compreendemos que não precisa, necessariamente, de uma estrutura acabada e definida (IVANOSKI, 2014, p.85).

O IALA Amazônico está localizado no assentamento Palmares II, região sudeste do Estado do Pará, aproximadamente vinte quilômetros da cidade de Parauapebas, mais conhecida como: A cidade da Vale⁵, a qual, hoje é considerada a maior província mineral

5 Uma das maiores mineradoras do mundo, com posição de liderança nos segmentos de minério de ferro e níquel. Com sede no Brasil e atuação em cerca de 30 países, com discurso desenvolvimentista e inovador, extrai desenfreadamente os recursos naturais sem se preocupar com as comunidades locais. A principal região explorada pela Vale é a Província Mineral de Carajás – Parauapebas - Estado do Pará. A verdade é que as mineradoras

do mundo. O assentamento Palmares II é fruto de uma ocupação realizada na década de 1990, liderada e coordenada pelo MST, atualmente possui 15.848,922 hectares de extensão, com 517 famílias assentadas que correspondem a aproximadamente 4.400 pessoas no assentamento.

Totalizando uma área de 25 hectares doada pelas famílias do assentamento Palmares II, o IALA Amazônico teve como marco de sua construção o ato de lançamento da pedra fundamental, que ocorreu em 26 de Janeiro de 2009.



Placa que simboliza a construção da sede do IALA Amazônico.

Fonte: IVANOSKI, 2015, p. 154.

não estão interessadas na vida de quem está no caminho de suas explorações. A Estrada de Ferro Carajás, com 892 km, é um exemplo disso, desde 1985, quando foi inaugurada. Ela corta 22 municípios, 19 deles no Maranhão e três no Pará. O corredor aberto pela ferrovia foi totalmente desmatado, ocupado por grileiros, pecuaristas de ocasião e guseiros, que montaram fornos de carvão terceirizados e suas siderúrgicas, para limpar o ferro de Carajás, propriedade da Vale. Disponível em: <http://www.justicanostrilhos.org/Para-a-Vale-o-que-vale-e-o-minerio>. Acessado em: 11/08/2015.

Do ponto de vista geográfico, o local em que o IALA Amazônico está situado é realmente muito distante de outros estados brasileiros, contudo, para Via Campesina, esse local é cheio de significados e é estratégico pelas contradições latentes que existem nessa região, por conta da ebulição permanente e pelas disputas de projetos antagônicos. Nas palavras de Trocate “por isso que o IALA está no assentamento Palmares, é talvez o mais significativo e mais expressivo assentamento do MST do Brasil na Amazônia” (IVANOSKI, 2014, p.84).

Muitos nem imaginam, mas no cenário amazônico prepondera o mercado ilegal de terras, o monocultivo, o latifúndio, a pecuária, a exploração de madeira e minérios, a implantação de complexos projetos de hidroelétricas e hidrovias. Essas ações são dia a dia expandidas e todos esses fatores têm colocado em risco os territórios das comunidades indígenas e camponesas da região. Nesse cenário de disputa e extração da essência amazônica que o IALA Amazônico está inserido, propondo uma nova maneira de construir formas alternativas de desenvolvimento, que contemplem as populações tradicionais da Amazônia.

A partir disso, foi se estabelecendo uma leitura de que os limites e dificuldades encontradas nessa região poderiam transformar-se em processos formativos. Definiu-se então o IALA enquanto ponto de convergência de experiências; essa concepção mobilizou os passos iniciais e experimentais na construção das estruturas do IALA Amazônico que passou a utilizar a permacultura⁶ como prática alternativa. Assim sendo, com base nessas experiências de construção coletiva e inspirada pelas reflexões e práticas da permacultura é que a concepção e edificação da infraestrutura do Instituto passaram a ser consideradas como uma construção permanente.

Nesse sentido, ao adentrar e conhecer o espaço físico do IALA Amazônico imediatamente foi possível perceber a expressividade de sua localização e, de modo concomitante, compreendê-lo enquanto processo de construção permanente, uma vez que cada sujeito que adentra ao espaço e participa das atividades formativas assinala suas impressões e deixa sua marca ao contribuir com a consolidação do Instituto, seja ele aluno, professor ou integrante do movimento.

6 A Permacultura foi criada nos anos 70 na Austrália, por Bill Mollison e David Holmgren e consiste no planejamento e execução de ocupações humanas sustentáveis, unindo práticas ancestrais aos modernos conhecimentos das áreas, principalmente, de ciências agrárias, engenharias, arquitetura e ciências sociais, todas abordadas sob a ótica da ecologia.

A localização estratégica e de fronteira reporta a ideia de que o IALA não é meramente uma estrutura física, mas sim um campo político, pedagógico e prático de luta e de resistência, pois relacionar-se com países que também estão em contradição com o capital gera um universo de possíveis aliados, o que possibilita uma resistência mais efetiva.

Entretanto, esta localização demanda alguns desafios para consolidação do IALA Amazônico, um deles diz respeito à própria brigada permanente, que, em outras palavras, significa a formação de um coletivo de profissionais militantes para atuar no IALA Amazônico permanentemente. O instituto precisa desses profissionais para atuar e desenvolver as mais diferentes tarefas, claro que no decorrer dos cursos todos participam das tarefas de manutenção do espaço, todavia é necessário um coletivo permanente que esteja disposto a transformá-lo num organismo vivo⁷ em que todos cumpram suas funções sem perder de vista a totalidade do espaço em que estão inseridos. Apesar disso, ao passo que as iniciativas do IALA Amazônico são semeadas e difundidas, militantes de diversas regiões do Brasil tem se disposto, voluntariamente, a sair de seus acampamentos e assentamentos e contribuir com essa escola em construção.

Numerosos são os conflitos e obstáculos, no entanto muitas são as conquistas para o campesinato local, que, mesmo com todas as dificuldades, transformou a região sul e sudeste do Pará na área de maior densidade de assentamentos no país. Esse território, palco de intensas lutas e conquistas, favoreceu a materialização dos objetivos do IALA Amazônico que, sempre considerando os saberes amazônicos, surge com os seguintes objetivos específicos:

- a) formar técnicos-pedagogos dos movimentos sociais do campo em agroecologia, para contribuir para a organização do campesinato e da classe trabalhadora latino-americana, na busca da promoção de projetos de desenvolvimento mais condizentes com a sócio-diversidade da Amazônia, tendo como referência

7 “Os princípios da pedagogia de Anton Smiónovitch Makarenko (1888-1939) resultam particularmente das experiências pedagógicas, visando a formação humana de jovens delinquentes desenvolvidas com maior amplitude na Colônia Gôrki [...] marcando a conquista de novas fases de desenvolvimento dialético da coletividade” (LUEDEMANN, 2002, p. 119).

- a) agroecologia na geração de formas sociais de cooperação do trabalho;
- b) Ser uma ferramenta de luta política e prática de construção da soberania alimentar e energética na região amazônica;
- c) Contribuir diretamente para a execução de uma política ampla de reabilitação da diversidade florestal / ambiental, promovendo dinâmicas transitórias de valorização e aprimoramentos tecnológicos, rejeitando a hegemonia da matriz tecnológica convencional, tendo como protagonistas as comunidades camponesas e as demais variações da agricultura familiar amazônica;
- d) Construir alianças políticas, pedagógicas e escolares com as Universidades, escolas, entidades ambientais e organizações sociais do bioma amazônico (UFPA⁸, 2010, p.5).

Nos moldes de uma universidade camponesa, o IALA Amazônico desenvolve processos e práticas educativas de caráter formal e não formal em agroecologia. Mais do que teoria, a técnica agroecológica assume dois enfoques fundamentais para os camponeses: a busca por soluções técnicas e produtivas locais e; luta contra hegemônica por um projeto de desenvolvimento sustentável, popular e emancipatório.

Para esse fim, foi imprescindível a associação entre o IALA Amazônico e a Universidade (UNIFESSPA), porque havia o entendimento de que os sujeitos envolvidos nas lutas de resistência na Pan-Amazônia também deveriam articular-se por meio dos processos formativos. Dessa forma, a relação histórica entre Movimentos Sociais e Universidade foi de suma importância para concretização dos objetivos do IALA Amazônico. Dentre as várias contribuições resultantes dessa união, podemos destacar três pontos positivos: primeiramente, o fato de que essa relação permite ampliar as iniciativas camponesas contra hegemônicas; em segundo, possibilita aos movimentos sociais uma inserção dentro de um espaço institucional; e terceiro, não menos importante, porque tal parceria

⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Projeto Pedagógico: Curso de Especialização em Educação do Campo, Agroecologia e Questão Agrária na Pan-Amazônia, Marabá, 2010. p 1- 45. Em 05/06/2013, através da Lei nº 12.824, o Campus de Marabá da Universidade Federal do Pará – UFPA transformou-se na sede da recém criada, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA.

proporcionou uma educação direcionada, especificamente, para os próprios sujeitos do campo.

Foi então, por meio de todo o acúmulo conquistado e da parceria entre os movimentos sociais articulados: a Via Campesina, especialmente o MST, e a comunidade acadêmica, que deu-se o início da primeira turma do curso de Especialização em *Educação do Campo, Agroecologia e Questão Agrária na Amazônia*.

O CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM “EDUCAÇÃO DO CAMPO, AGROECOLOGIA E QUESTÃO AGRÁRIA NA AMAZÔNIA”

Pautado nos princípios, diretrizes e metodologia do Programa Residência Agrária⁹, o IALA Amazônico já concluiu duas turmas do curso de Especialização em Educação do Campo, Agroecologia e Questão Agrária na Amazônia. As atividades da primeira turma do curso de especialização contaram com 28 educandos e educandas oriundos do Pará, Maranhão, Tocantins, Mato Grosso, Rondônia, Equador e Colômbia. A segunda turma, que iniciou suas atividades no ano de 2013, foi composta por profissionais militantes de diversas regiões do Brasil como Pará, Maranhão, Tocantins, Rondônia, Paraná e São Paulo.

O curso fundamenta sua proposta metodológica a partir de três princípios pedagógicos (UFPA, 2010): *alternância; pesquisa e trabalho como princípios educativos; relação teoria e prática*. Os conteúdos estabelecidos não são pautados em disciplinas, mas, em eixos temáticos, o que fundamenta o caráter interdisciplinar da proposta curricular. São dois anos de intenso processo de formação ajustados numa proposta que possibilita uma matriz de atividades diferenciadas e articuladas que vão muito além dos currículos organizados por disciplinas. Para Etges (1993, p.18) “A interdisciplinaridade é o máximo da exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão de seus limites, mas acima de tudo é o princípio da criatividade e da diversidade”.

Nessa perspectiva os processos formativos interdisciplinares do curso viabilizam também a sobreposição entre as fronteiras de

9 É um projeto em parceria entre o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que tem como objetivo apoiar e promover a formação em áreas de agricultura familiar e de reforma agrária.

conhecimentos, num ambiente de união entre os eixos temáticos que não abandona as múltiplas determinações que os constituem. De acordo com seu Projeto Político Pedagógico, o objetivo geral do curso é:

Ampliar o acesso de profissionais que atuam nos assentamentos de reforma agrária na Amazônia aos estudos teórico-práticos da educação do campo, agroecologia e questão agrária e no nível de pós-graduação (UFPA, 2010 p.11).

O ideário político/formativo da Via Campesina entende que deve incidir na construção de territórios contra- hegemônicos, conseqüentemente, a base central dessas experiências é seu caráter de classe, assim fundamentada, a formação tem como finalidade construir um novo projeto para o campo. Com o objetivo de realizar o intercâmbio de experiências e debater concepções pedagógicas e metodológicas da formação política e técnica em agroecologia o IALA Amazônico possibilita conseqüentemente ações coletivas no âmbito da integração, da luta e da educação.

TRABALHO E PRÁXIS COMO CATEGORIAS DO PROCESSO FORMATIVO

Como já mencionado, os processos formativos do IALA Amazônico assumem a realidade social como ponto de partida e, coletivamente, por meio das oficinas práticas e estudos teóricos, são problematizadas situações em torno de temáticas que visam à formação integral e o desenvolvimento da ação e reflexão dos estudantes. Existe, portanto, o entendimento de que é imprescindível a inserção dos estudantes no mundo do trabalho durante o processo de formação. Isto é, não se trata de formar para que só posteriormente se assuma o trabalho para o qual está sendo formado. Esta condição, usual nos cursos que compõe o ensino formal, dificulta o processo de formação omnilateral.

Nesse sentido, a proposta pedagógica do curso de Especialização do IALA Amazônico, conforma o conhecimento teórico ao conhecimento prático, elaborando atividades destinadas ao exercício do trabalho como princípio educativo. Pistrak (2000) foi um dos educadores que colaboraram com a construção de uma proposta pedagógica com esse viés ao defender o trabalho como categoria

central do processo de formação humana. Em *Fundamentos da Escola do Trabalho*, ele afirma que é necessário superar a concepção de que as pessoas se educam apenas como ouvintes atentos. Logo, devemos passar a reconhecer que os processos formativos são também processos sociais que não podem ser desvinculados das ações práticas que compõem a lógica da vida. Seguindo essa perspectiva, no IALA Amazônico a realização do trabalho assume caráter sócioprodutivo e organizativo que aparece de diferentes maneiras, em praticamente todas as experiências formativas.

Ao buscar a relação intrínseca entre ciência e técnica, o IALA Amazônico evidencia o entendimento de que para transformar a realidade é preciso adotar uma postura transformadora em que as dimensões formativas assumam atividades práticas ligadas ao mundo do trabalho como um dos pilares fundamentais.

Esse aspecto assinala que às práticas e experiências educativas são desenvolvidas num processo de formação distinto daqueles sob o sistema de educação formal, pois compreendem o trabalho como atividade socialmente útil e o conhecimento científico como meio de emancipação. Não para servir ao capital, mas para servir ao projeto de transformação social a fim de capacitar os sujeitos a compreender sua realidade e a partir dela criar alternativas de superação.

Em processos formativos com vistas à transformação social é indispensável que as categorias trabalho e educação estejam universalizadas como categorias formativas diretamente ligadas a constituição de um novo projeto de sociedade. Partindo dessa concepção, o curso de Especialização do IALA Amazônico articula toda potencialidade pedagógica do trabalho às práticas educativas, provocando o estudo e a reflexão sobre as questões que envolvem a vida prática dos estudantes. Essa metodologia demonstra a importância da relação *prática-teoria-prática* como componente dos processos formativos, o que implica a problematização da práxis como categoria essencial à viabilização do trabalho como princípio educativo.

A prática está relacionada à ação, ao ato de fazer, de lutar e de agir em diferentes dimensões e aspectos da vida, todavia ela só pode ser considerada práxis se estiver atrelada ao processo de reflexão como Konder (1992) afirma:

A práxis é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade

objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais conseqüente, precisa da reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática. [...] A práxis é a atividade que, para se tornar mais humana, precisa ser realizada por um sujeito mais livre e mais consciente. Quer dizer: é a atividade que precisa de teoria. (KONDER, 1992, p.115-6)

Sendo assim, mais do que prática ou sua unidade com teoria, a práxis é a indissociável junção de ambas, é um fundamento, um critério empírico de verdade que constrói teorias e que confirma, na prática, determinada veracidade teórica.

À luz da concepção marxiana, a práxis se revela como atividade que possibilita interpretar a realidade, revelar contradições e indicar as possibilidades de transformação, sendo, portanto categoria central na busca por práticas educativas e processos formativos emancipatórios. No IALA Amazônico, a técnica agroecológica é evidenciada como um dos princípios do processo formativo e assume as características da categoria práxis, pois, atua como critério de verdade ao vincular os conhecimentos teóricos às demandas práticas da organização e da produção nos assentamentos.

[...] o trabalho encarado como um princípio educativo nos leva a perspectiva de que a discussão técnica vinculada aos conceitos de agroecologia não se dará apenas no campo teórico, mas na sua aplicação prática. Mas a realização desse trabalho prático agroecológico pressupõe estudos teóricos que permitam à compreensão tanto do significado do trabalho na sociedade capitalista e de seu caráter alienante, bem como do papel das técnicas e da produção científico-tecnológica que reafirmam a alienação da classe trabalhadora a partir justamente da dominação do trabalho e de suas técnicas. (UFPA, 2010, p.13)

Sob o regime de alternância, os tempo e espaços educativos no IALA Amazônico são organizados com a finalidade de assegurar

a indissociabilidade entre os conhecimentos. Para tanto, o Tempo-espço Universidade e Tempo-espço Localidade busca entrelaçar o saber teórico ao saber empírico, promovendo aulas conceituais, visitas técnicas e pesquisas nas localidades selecionadas. Nesta perspectiva, as práticas produtivas com ênfase na técnica agroecológica desenvolvidas no IALA Amazônico dialogam com as práticas sociais e produtivas acumuladas historicamente pelos camponeses na região amazônica.

Um exemplo empírico dessa capacidade formativa do trabalho e da práxis é a construção da horta Mandala, atividade que teve como objetivo a elaboração de um projeto de referência em produção de hortaliças. Parte da produção serve para o sustento dos que vivem no Instituto e a outra parte é doada para a comunidade do Assentamento Palmares II. A horta Mandala é uma técnica de produção agroecológica no formato circular, com métodos orgânicos e ecológicos, nesse sistema o solo é utilizado de maneira sustentável, sem agrotóxicos, sem fertilizantes químicos e ainda, poupa o consumo da água. Como ilustra a imagem abaixo:



Horta Mandala do IALA Amazônico.
Fonte: IVANOSKI, 2015, p. 155.

A horta Mandala e as demais práticas educativas do IALA Amazônico além de proporcionarem alternativas de produção econômicas e sustentáveis, materializam o esforço coletivo que,

fundamentado na técnica, tem por objetivo estabelecer uma proposta formativa da classe trabalhadora e para ela.

Por ser um espaço em construção permanente, o IALA Amazônico sempre norteou suas atividades formativas a partir dos limites estruturais que iam surgindo, nesse processo, o Instituto foi se materializando e organizando-se a partir do trabalho coletivo da turma de educandos, educadores e camponeses da região. “Daí deriva a relação entre o trabalho e a educação em todas as suas formas, em que se afirma o caráter formativo do trabalho e da educação como ação humanizadora mediante o desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano” (FRIGOTTO e CIAVATTA, 2012 p 749).

Partindo desse entendimento, percebe-se que o IALA Amazônico compreende que para consolidar um novo projeto de desenvolvimento social para o campo é necessário educar para transformação, isso significa a urgência de experiências educativas em perspectiva internacional; experiências coletivas, teóricas e práticas que alimentem a luta e; experiências que efetivem formas de resistência política, pedagógica e ideológica.

Portanto, por estar inserido em um território de intensas disputas onde os recursos naturais e a própria cultura são constantemente ameaçados, o IALA Amazônico se dispõe a ser um espaço formativo que incide em todas as experiências acima destacadas, sobretudo, ao direcionar suas atividades mediante um processo formativo em que a ação e a reflexão se tornam uma só. Desse modo, o IALA Amazônico está assumindo o trabalho e a práxis como categoria fundamental para formação de sujeitos protagonistas da transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de comentários finais, certamente é importante mencionar que não há como negar os inúmeros desafios que permeiam a consolidação de atividades formativas que propõem realizar processos de formação política e técnica com vistas a emancipação humana. Alguns desafios são mais amplos, pois se referem à realização de alianças para concretização das experiências de educação formal e não formal, ou seja, questões relacionadas à autonomia pedagógica. Há ainda os desafios de ordem econômica

e financeira, seja para manutenção do espaço físico, seja para realização dos cursos e atividades.

Apesar disso, o IALA Amazônico busca superar tais desafios construindo experiências formativas que são frutos de práticas sociais, nas quais os educandos e educandas assumem a técnica agroecológica como uma dimensão formativa estratégica, que na práxis promove as condições objetivas de transformação. No conjunto dessas práticas, está o ensejo de um novo projeto popular camponês que tenha como compromisso a transformação social e a superação do projeto de agricultura capitalista na Amazônia.

Desse modo, o processo de aprender se entrelaça ao próprio processo de viver e conviver com o meio. À medida que a coletividade, o trabalho e a práxis são importantes categorias formativas que somados às lutas sociais, às experiências de produção agroecológicas e à própria organização política internacional, possibilitam aos sujeitos diferentes momentos formativos.

Sendo assim, as experiências de formação política e técnica do IALA Amazônico são parte de um conjunto de políticas definidas pela Via Campesina que ainda estão em gestação, no entanto, essas experiências têm sinalizado o surgimento de um esforço coletivo de afirmar uma matriz tecnológica sustentável com ênfase nos princípios da agroecologia, o que denota a resistência camponesa e o esforço em construir uma contra hegemonia do capital na Pan Amazônia.

Portanto, podemos considerar então que o IALA Amazônico constitui-se concomitantemente enquanto instrumento de resistência política e pedagógica na Pan Amazônia. No concernente ao aspecto político, o IALA Amazônico permitiu construir o entendimento de que a Amazônia é alvo do grande Capital e que o discurso político desenvolvimentista só provoca a espoliação da natureza e dos povos nativos. Esse entendimento possibilitou o enfrentamento popular que assumiu uma postura de intolerância a este cenário. Em relação ao aspecto pedagógico, no intuito de elevar o nível de escolarização dos sujeitos do campo, o instituto buscou desenvolver experiências e práticas educativas que fortalecessem o reconhecimento dos saberes tradicionais do campesinato. Dessa forma, a relação consolidada entre o IALA Amazônico e a Universidade possibilitou que os sujeitos envolvidos nas lutas de resistência na Pan-Amazônia também se articulassem por meio dos processos formativos.

POLITICS AND TECHNICAL FORMATION: THE EXPERIENCE OF THE LATIN AMERICAN INSTITUTE OF AGROECOLOGY (IALA) AMAZÔNICO

ABSTRACT

Since colonization until nowadays, the reality of Latin America is marked by the exploration of the native people and expropriation of natural and mineral resources, nevertheless, peasants have sought to articulate new ways and alternatives to contribute with development and independence territorial, economic, politic, and ideological in Latin America. By these ways, we may contrast how expressive Via Campesina is on Pan Amazonic territory as social and fundamental subject to consolidate modes of resistance in a international outlook. One of them relates building the Instituto de Agroecologia Latinoamericano (IALA) Amazônico. Aiming to potentiate the spaces for subjects formation inserted on countryside, the IALA Amazônico looks for to articulate university, searchers, social movements and peasants to effect formation politics and technical based on the agroecology principals.

Keywords: Via Campesina. IALA Amazônico. Formation processes.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. São Paulo: Expressão Popular, Rio de Janeiro: AS-PTA, 2012. 400 p.

BORRAS, Saturnino M. *La Vía Campesina: an evolving transnational social movement*. Amsterdam: Transnational Institute, TNI Briefing Series, n.2004/6. Out. 2004. p. 1-32.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. *Trabalho como princípio educativo*. In: SALETE, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs) *Dicionário da educação do campo*. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

GIRALDI, Eduardo P. e FERNANDES, Bernardo M. *Geografia da conflitualidade no campo brasileiro*. In *Lutas camponesas contemporâneas: Condições, dilemas e conquistas*. Vol. II. A diversidade das formas de luta no campo, in Fernandes, Bernardo M, Medeiros, Leonilde S. e Paulilo, Maria I. (orgs.). São Paulo: Editora UNESP; 2009. Citação pp. 340-341.

IVANOSKI, Nicolle M. *A experiência do IALA Amazônico: uma construção permanente*. In: MARTIN, Fernando.; LEGNANI, Andrea M.; CAMPOS, João

Formação política e técnica... - Nicolle Marra Ivanoski

Carlos de.; IVANOSKI, Nicolle M.; BATISTA, ÂNDREA F. Práticas Educativas da Via Campesina, Curitiba, Editora CRV, 2014. p.75-92.

IVANOSKI, Nicolle M. *Movimento Social, Escola e Formação: Um olhar a partir do IALA Amazônico*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu em Sociedade, Cultura e Fronteiras. Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE- Campus Foz do Iguaçu – Paraná. 2015.166 p.

KONDER, Leandro. *O futuro da Filosofia da práxis – Pensamento de Marx no século XXI*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.141 p.

LUEDEMANN, Cecília S. *Anton Makarenko: vida e obra – a Pedagogia na revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2002. 432 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *Projeto Pedagógico: Curso de Especialização em Educação do Campo, Agroecologia e Questão Agrária na Pan-Amazônia*. Marabá, 2010.

Aprovado em julho de 2015
Publicado em dezembro de 2015